

ORTOGRAFIA PORTUGUESA NO BRASIL

Transcrevemos do *Mundo Literário* (Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1923), a seguinte carta aberta do sr. Jorge Guimarães Daupias ao sr. Fidelino de Figueiredo, falando que as circunstâncias nos permitam vir ao encontro do desejo do signatário, publicando as suas oportunas considerações numa revista portuguesa.

O sr. Guimarães Daupias, autor de um interessante opusculo sobre *o dialecto capiau* e de outros trabalhos lingüísticos e filológicos, é um compatriota nosso que há anos reside no Brasil e conta entre os seus antepassados o célebre memorialista Jacome Ratton.

Segue-se a *Carta Aberta*:

Ex.^{mo} senhor

Em artigo submetido ao título «Fantasias Diplomáticas», publicado por V. Ex.^a na conceituada folha *O Jornal*, de 16 de Setembro passado, escreveu V. Ex.^a:

«Depois, revogaria pura e simplesmente a ortografia oficial portuguesa, porque é tecnicamente contraditória, porque é mais complicada e irracional do que a tradicional, embora esta houvesse incorporado muitos erros, porque é esteticamente repulsiva, porque é juridicamente tirânica, porque está em desacôrdo repetido com a pronúncia brasileira e até mesmo com a portuguesa, e, finalmente, porque é causa contínua de separação moral, factor de diferenciação crescente entre as duas fracções da língua portuguesa, daquém e d'além Atlântico».

Julgo que neste curto período vão quase tantos equívocos quantas palavras.

Não sei o que V. Ex.^a entenderá por *técnicamente contraditória*. Realizada a reforma ortográfica por um conjunto de sábios, que havia muitos anos vinham estudando o assunto, não parecerá plausível a qualquer pessoa de boa lógica que houvessem *técnicos* produzido uma obra *técnicamente contraditória*. A afirmação de V. Ex.^a precisava de ser fortalecida com provas e argumentos

abonados por filólogos especialistas na questão ortográfica.

Scientificamente, não pôde até hoje ser acometida a reforma. Os seus inimigos, que se comprazem na ortografia anárquica, contra a mesma refirma umas vezes arremetem com a acusação de ser violenta, e, outras vezes, tacham-na de tibia e increpam-na por haver transigido com certos hábitos arreigados. E' a conhecida argumentação: preso por ter cão, preso por não ter cão.

Fôsse a reforma radical, restabelecesse ela o princípio de certas palavras que a essa letra têm direito, preceituasse ela a supressão do *h* em princípio de vocábulo, aceitá-la-iam por isso os seus desafectos? Não, claro está, porque os argumentos destes não são de ordem técnica, mas relevam tão somente do sentimentalismo; não passam de rebeldia contra tudo quanto seja regra ou disciplina. Os que acoimam, á falta de melhor argumento, a ortografia oficial de não ser revolucionária, esquecidos estão de que a verdade está sempre num justo meio termo.

Debalde procuro compreender como possa ser complicada uma grafia cuja preocupação prévia foi justamente suprimir as complicações. Salvo se em matéria gráfica tem V. Ex.^a ideias particulares quanto ao que seja complicação: que, para mim, assim se chama o que é inútil, desnecessário escrever, o que causa hesitação e obstáculo á facilidade da escrita. Acha V. Ex.^a realmente, que o haver suprimido tôdas as consoantes dobradas não pronunciadas, seja complicação? Será irracional, em sua opinião, apelar para a etimologia sempre que a aplicação de princípios puramente fonéticos leva a confusões, como no caso do *s* e do *z*, que a ortografia oficial distingue rigorosamente?

Fala V. Ex.^a na escrita tradicional, bordão tão estafado já, que até mal parece vir tangê-lo de novo. Tudo depende do que se chama tradição. Para os que estudam de mais perto a língua, começa a tradição nas origens dela. Para V. Ex.^a tem provavelmente a mesma tradição início a partir do momento em que principiou V. Ex.^a a escrever correntemente e a adquirir uma ortografia habitual, sua, pois que ninguém lhe impôs nenhuma. Portanto, tradição não é, mas tão somente usança particular, costume a que se afêz e que lhe repugna modificar. Tire V. Ex.^a á escrita dos clássicos o

arrebiques dos *hh* e dos *yy*, letras com que V. Ex.^a não enfeita hoje o que escreve, e verá se o que fica na grafia dos escritores do período áureo da língua não está muito próximo da ortografia agora ensinada em Portugal. Restabelecer a tradição, corrigindo certos erros que era natural se verificassem quando não estavam ainda lançadas as bases da ciência da linguagem, foi o em que se empenhou a comissão reformadora. Desrespeitar a tradição, ou por outra, ignorá-la, parece ser o afan dos que atacam a reforma.

Qualifica V. Ex.^a a obra dos reformadores de *esteticamente repulsiva*. Pois, referindo-se à ortografia francesa, disse o conhecido filólogo Gastão Paris, no prefácio que escreveu para a *Grammaire Raisonnée* de Leão Clédet:

«L'orthographe n'est point une affaire de gout, mais de raisonnement et de pratique; elle demanderait, pour être convenablement établie, le concours de linguistes, de pédagogues, de gens d'affaires et de typographes, et nullement celui de poètes, de romanciers, ou même de philosophes et de critiques.»

Pelo facto de se haver a ortografia portuguesa assemelhado à espanhola e à italiana, cumpre estritamente a V. Ex.^a, em vista do seu conceito, proclamar que também são *esteticamente repulsivas* as grafias castelhana e italiana. Estarão de acordo com essa opinião espanhóis e italianos? Muito satisfeitos estão esses povos com a sua forma de escrever, e a ninguém, na Itália ou em Espanha lembrou ainda de se lastimar da simplicidade com que se grafa a língua nacional.

«Leur langue n'en vaut pas moins et leur orthographe en vaut beaucoup mieux», — diz ainda Gastão Paris, referindo-se àqueles países.

Que seja juridicamente tirânica, não há dúvida; todas as ortografias únicas assim são. Desde que sejam oficiais, todos se têm de submeter aos seus preceitos, sob pena de reprovação nos exames. Mas não consta que espanhóis e italianos se lamentem por isso, e as queixas só as ouvimos nos países de escrita complicada, quais a França e a Inglaterra, onde o clamor dos filólogos é geral para pedir que se leve a efeito uma simplificação razoável, de acordo com a ciência da linguagem.

Dir-me-á V. Ex.^a que nada tem que ver com ortografias alheias, que lhe importa somente a da sua língua. Mas eu estou absolutamente certo que se a França hovesse oficializado uma reforma racional e fôsse Portugal o único país latino que se debatesse no caos ortográfico, correr se-ia V. Ex.^a de vergonha e bradaria «que se imitasse a França!»

Os sábios alemães, com os quais se correspondia Herculano, diziam-lhe, sem mais ambages, que era bárbara a ortografia dos portugueses, e foi por isso talvez que o grande historiador procurou ser escrupuloso na sua forma de grafar, cabendo-lhe, não há negar, juntamente com Castilho, o título de precursor da actual reforma.

Haveria V. Ex.^a preferido a continuação da anarquia gráfica? Mais de que uma vez me sucedeu, em França, preguntarem-me a mim e a outros patrícios, como se dizia e escrevia tal ou qual palavra em nossa língua; e muitas vezes se dava o caso de escrevermos cada um a seu modo, originando-

se entre nós discussões que eram tidas pelos franceses como prova de suma ignorância e falta da mais elementar instrução primária. Indagavam finalmente: mas como é que se *deve* escrever, como é que manda o dicionário? E respondíamos desalentados: em nossa terra, todos escrevem mais ou menos como querem; cada dicionário grafa a seu modo. Pensavam os nossos interlocutores, — e muitas vezes até o diziam: «Quel pays de sauvages!» Que lhe havíamos de responder? Nada; era calar porque era justo.

E' de admirar que filólogos, conhecedores profundos de todas as particularidades ortoépicas da língua portuguesa, que estudaram minuciosamente os seus dialectos, pudessem fazer obra em desacordo com a pronúncia portuguesa, consoante a opinião de V. Ex.^a. Que errassem quanto à brasileira, ainda se podia admitir; mas o caso é que muitos filólogos do Brasil, que seguem a ortografia oficial portuguesa, nela ainda não descobriram nada que lhes aconselhasse a que a não empregassem. Se a pronúncia brasileira cabe na ortografia livre até agora usada, porque não caberia também na grafia simplificada e sistematizada?

Que esta última venha a ser factor de diferenciação entre as duas actuais fracções da língua portuguesa? Ilusão, ex.^{ma} senhor! Os livros portugueses são aqui lidos por todos, as obras dos grandes escritores modernos de Portugal andam nas mãos de toda a gente.

Acredite V. Ex.^a que os partidários e desafectos da ortografia oficial são, proporcionalmente, em número igual cá e lá. A única diferença é que lá é ela oficial e aqui não.

Em todo caso, os portugueses do Brasil que nos interessamos pela ortografia da nossa língua e os brasileiros que lhe são simpáticos, convidamos cordialmente V. Ex.^a a desenvolver, na folha que lhe vem dando agasalho e cujo interesse pela questão ortográfica conhecemos, — com argumentos documentados os pontos do trecho de autoria de V. Ex.^a, que acima ficou transcrito.

Muito de indústria não dei nenhuma feição técnica a esta carta para deixar V. Ex.^a mais á vontade na crítica que porventura se dignará oferecer-nos sobre o assunto. Os técnicos brasileiros acudirão sem dúvida ao reclamo, e da discussão esperamos que resulte um novo passo andado no sentido da unificação ortográfica dos dois países que falam o idioma português.

Criado e admirador de V. Ex.^a

JORGE GUIMARÃES DAUPIÁS

■ ■ ■ ■ ■

Leitor, se a obra da SEARA merece o teu apoio, assina a nossa Revista; se já és assinante, paga espontaneamente a assinatura, evitando-nos a pesada : : : despesa da cobrança. : : :